



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR
AUGUSTO**O SECULO**DE SANTA
RITA

OS DOIS IRMÃOS

Por ANÃO SABICHÃO

Ao passar pelo jardim, onde costumavam brincar o Carlinhos e a Isabelinha, ouvi as suas vozes, muito zangadas.

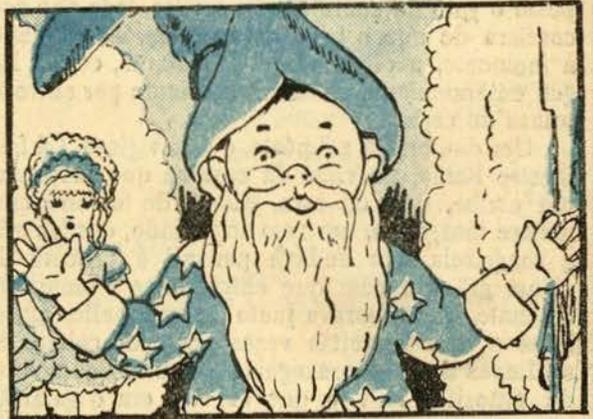
Dei um pulo para o muro e, ali, encarapitado, observei os dois irmãos que pareciam duas fêrazinhas, a disputarem um com o outro.

— «Porque bulham vocês, assim?» — perguntei-lhes, lá do alto.

— «E' o mano que me quer tirar tôdos os brinquedos, senhor Anão!» — respondeu a Isabelinha lavada em lágrimas.

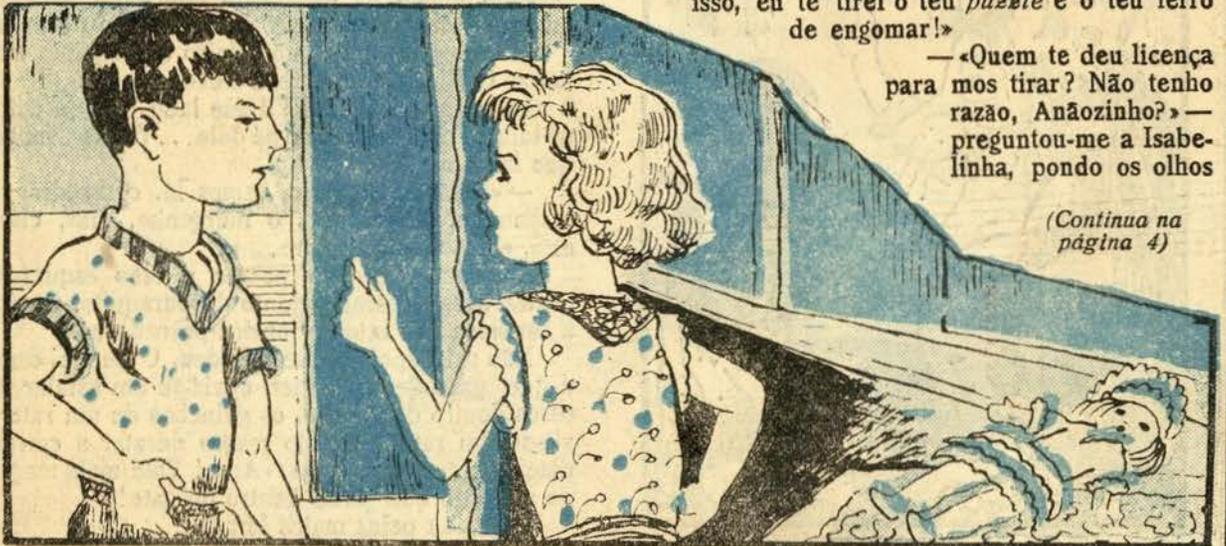
— «Ela tem muitos e eu quási nenhuns! E é uma grande má, porque eu lhe emprestei o meu palhaço e ela não me quer emprestar as suas bonecas!» — exclamou, vermelho de indignação, o Carlinhos.

— «Bonecas não são para rapazes!» — tornou, tôda abespinhada, a Isabelinha.



— «Então, também não devias brincar com os meus soldados e tu não fazes outra cousa! Por isso, eu te tirei o teu puzzle e o teu ferro de engomar!»

— «Quem te deu licença para mos tirar? Não tenho razão, Anãozinho?» — perguntou-me a Isabelinha, pondo os olhos

(Continua na
página 4)

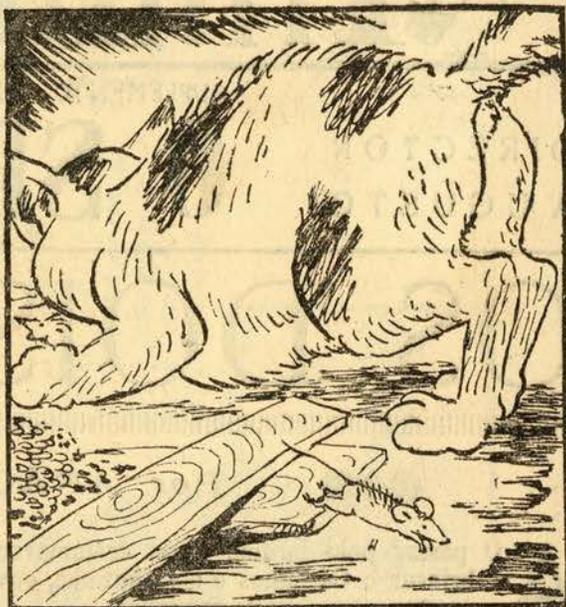
HISTORIA DO MESTRE RATÃO

Por MANUEL FERREIRA

MESTRE Ratão era um rato gordo, alentado e luzidío que residia, de há muito, nos baixos de um velho celeiro onde ia esparecer a neurastenia e abrir o apetite. O celeiro, propriedade de um rico lavrador da região, estava sempre atulhado de belo trigo e louro milho. E o nosso rato impava de orgulho sempre que transpunha, com ares importantes, um buraco que construira após grandes labutações e que lhe servia de porta. Sentia-se o dono do celeiro e, no seu arrego, olhava de cima os ratos das vizinhanças que, menos bafejados pela sorte, por ali andavam, trabalhando asperamente para comer e fugindo apressados à aparição, sempre importuna, do Bichano.

Este era um animal temido por aquelas redondezas. O dono do celeiro, o sr. Lopes, um homenzinho forte e simpático que moirejava, dia e noite, nos trabalhos rudes mas nobres da lavoura, havia pôsto o gato de sentinela no celeiro, logo que desconfiara de que o trigo desaparecia, de momento a momento, a olhos vistos. E o Ratão, com a língua entaramelada, passeava confiante por entre as tulhas do cereal.

Um dia, era já sol pôsto, o gato vigiava. Cá fora mestre Ratão, ao virar da esquina que dava para um atalho, deu de cara, isto é, de focinho, com mestre murganho, um rato amarelado, desdentado e magrizela que andava por ali à procura de algum grãosito com que entretivesse a fome. Era do mato, onde morava junto de uma velha carvalhiça e descia muitas vezes perto do celeiro do sr. Lopes a vê se conseguia descobrir algum resto de grãosito. Mas o que êle via era o gatarfão avançar para êle com cara, isto é, focinho de



poucos amigos. E, então, ó pernas para que vos quero!...

Nesse dia, quando o mestre Ratão encontrou o compadre do mato, o pobre animal vinha desalentado da volta. Nada tinha conseguido para enganar a fome.

—«Então, compadre murganho—intrometeu-se, trocista, o Ratão—como vai essa barriguinha?»

—«Mal, mal!—respondeu o outro, muito triste—ainda hoje não vi nem um bocadinho de grão!»

—«Oh! compadre! por causa disso não seja a dúvida. Venha daí comigo ao celeiro que tem lá trigo com farturinha, para encher cem esqueletos como você! Venha daí!»

—«Mas, oh! mestre Ratão, eu cá ía, mas o tio Bichano olhou, há dias, para mim com tão mau modo!»—observou, medroso, o ratinho do mato.

—«Olhe! Eu entro no celeiro da seguinte maneira. O Bichano tem uma névoa no olho direito e não vê quasi nada. E' desse lado que eu entro na tulha. Passo mesmo ao pé dele... Venha comigo, que faz o mesmo.»

—«Então, visto isso, vamos lá, compadre»—respondeu, já resoluto, o murganho. Mas, claro está, entra você primeiro...»

Entretanto, o gato pusera o olho esquerdo, contra o seu costume, junto do buraquito. Ouvira a conversa dos ratos e tomara precauções.

Não sei depois o que sucedeu. O que foi certo é que, passados instantes, ouvia-se um estalar de ossos dentro do celeiro, os guinchos de um rato e via-se um ratinho muito magro desatar a correr, dizendo repetidas vezes: «Apre! Vale mais magro no mato do que gordo dentro do gato!»

E abalou pelos matos fora...



CONSELHOS AO FERNANDINHO

Por ANTONIO GONÇALVES

UMA CARTA DO AVÔ

Fernandinho ainda está na cama. É domingo, levanta-se um pouco mais tarde. Já chegou o correio da manhã e, entre os jornais e correspondência, vem uma carta para ele. O pai vai levar-lha ao quarto e desperta-o:

O PAI

Fernandinho! Fernandinho!
Uma carta do avô!

FERNANDINHO *(sentando-se na camita)*

Ai! Deixa cá ver, paizinho...

O PAI *(brincando)*

Nada! Nada! Não ta dou.

FERNANDINHO

Mas é mesmo para mim?
Mesmo para o Fernandinho?

O PAI *(mostrando o endereço)*

Não vês? E' para ti, sim...

FERNANDINHO

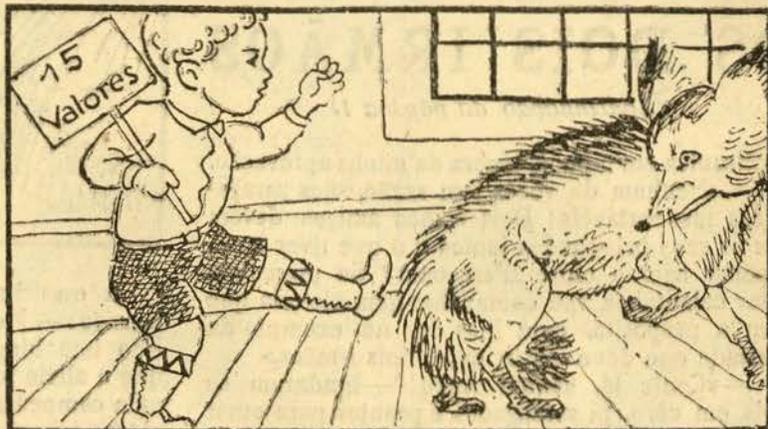
Isso não se faz, paizinho...
Pois se a carta é para mim...
E não m'a dás para lêr?

O PAI

Eu estava a brincar contigo.
Aqui a tens... *(dá-lha)*,

FERNANDINHO

O que diz o avôzinho.



O PAI

Eu quero ouvir.

FERNANDINHO

Lê comigo.

O PAI

Tu não sabes lêr sozinho?

FERNANDINHO

Então, não hei-de saber?!
(abre a carta e principia a lêr)

«Meu querido Fernandinho;
Já se vai aproximando
O tempo que eu mais desejei
E tenho pena deixar:
As tuas férias, Fernando.
Quem dera ir-te esperar
A' estação; dar-te um beijo
Depois ver-te cá ficar,
Vêr o comboio partir...

(Interrompe a leitura, jalando com o pai)

Quem me dera p'ra lá ir!

O PAI *(sentá-se na beirinha do leito)*
Pois eu também, Fernandinho.

FERNANDINHO *(recordando e sorrindo)*

Tu não te lembras, paizinho,
Quando nós, pela tardinha,
famos, devagarinho,
As amoras apanhando
Pela estrada, tão branquinha?

O PAI

Não me hei-de lembrar, Fernando?
Outras vezes, manhãzinha,
Quando inda o sol não descera
A' terra completamente,
E já nós, pela fresquinha,
Andávamos p'la fazenda...

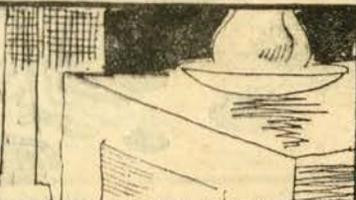
FERNANDINHO

Ai! Paizinho quem me dera!

O PAI

O' Fernando; e a merenda
Comida, lá pela serra,
A' sombra das macieiras?
E agora? Que lindas são
As enormes cerejeiras,
Com a fruta vermelhinha!
Depois... as uvas, fresquinhas
E doces como um torrão
D'açúcar...

(Continua na pagina 6)





OS DOIS IRMÃOS

(Continuação da página 1)

suplicantes em mim, à espera da minha aprovação.

— «Nenhum de vocês tem razão, seus zaragatoiros insuportáveis! Dois manos amigos devem pôr os seus brinquedos juntos e o que tiver mais, repartir com o outro. Percebem? Se prometem estar caladinhos, vou contar-lhes uma história que vem a propósito, para lhes dar um exemplo da amizade que deve existir entre dois irmãos.»

— «Conte lá, senhor Anão!» — bradaram os dois em côro, já sossegados e prontos para ouvir a história.

— «Pois o caso passou-se assim: havia um campo de trigo que pertencia a dois irmãos. Um era casado e tinha muitos filhos, e outro vivia só.

Cultivavam ambos o campo que fôra herança do pai. Chegou o tempo das ceifas e os dois cortaram o trigo, ataram os feixes e fizeram dois montes iguais que deixaram sobre a terra.

Durante a noite, porém, o irmão solteiro teve um bom pensamento: — Meu irmão, coitado, tem mulher e filhos a sustentar; não é justo que a minha parte seja igual à sua. Vou tirar do meu trigo alguns feixes que juntarei aos dele. Como ignorará este benefício, não o poderá recusar.

E, vai, fez como pensou.



A essa hora, o outro irmão cogitava também, consigo: — Meu irmão é muito novo e vive só. Não tem ninguém que o ajude no trabalho, nem que o alivie nas suas penas, por isso vou dar-lhe uma compensação: juntarei ao seu monte de trigo alguns feixes dos meus. Ele nada perceberá e não poderá recusar.

E assim fez.

No dia seguinte, ao chegarem ao campo, ficaram ambos muito surpreendidos por ver que os dois montes estavam iguais. Recomeçaram a tarefa muitas noites e os montes ficavam sempre iguais. Finalmente, uma noite encontraram-se, cara a cara, transportando cada um deles os feixes de que se queriam privar em benefício do outro. Abraçaram-se, muito comovidos, agradecendo reciprocamente, a prova de dedicação que acabavam de se dar.

Contei-vos esta pequena história, para vos mostrar como estes dois irmãos se estimavam e agora aconselho-vos a que, daqui para o futuro, sejam muito amiguinhos, porque tenho um grande desgosto por ver que não se dão bem! Que dizes a isto Carlinhos e tu, Isabelinha?»

— «Anãozinho, prometo sêr, daqui em diante, um irmão às direitas e como não tenho feixes de trigo para dar à mana, vou dar-lhe já o meu palhaço!» — disse, cheio de boa vontade, o amigo Carlinhos.

A Isabelinha, ao ver aquela generosidade, não lhe quiz ficar atrás... Com um ar magnânimo, exclamou:

— «E eu dou-te o meu puzzle. Estás contente, Anãozinho?»

— «Muito! Muito! Tanto que lhes vou dedicar a minha tarde, ficando aqui a brincar com vocês. Mas não de emprestar-me todos os vossos brinquedos, tal qual como se eu também fôsse vosso irmão. Valeu?»

Radiantes, os dois pequenos abraçaram-me e o Carlos segredou-me aos ouvidos:

— «E's o nosso irmão, Anãozinho! O mais velho, e o mais pequenino!»

E Q U Í V O C O S



O compadre Zé do Mar ergueu-se da sua enxêrga e foi, contente, pescar, levando um cêsto de vêrga.

Entanto, o Tio Luís vai comprar, risonho e lesto, ao mercado uma perdiz e mete-a dentro dum cêsto.

Já de volta do mercado, conversa com Zé do Mar, pondo os cêstos lado a lado e fica-se a ver pescar.



Mas, após breve paleio, diz adeus ao Zé do Mar e pega no cêsto alheio, em vez de no seu pegar.

Zé do Mar, (passa uma hora) chega a casa e logo diz, abrindo o cêsto: — «Esta agora!... Eu pesquei uma perdiz?!...»

Grandes de Portugal

NOTAS BIOGRÁFICAS
POR MANUEL FERREIRA

II

O INFANTE DOM HENRIQUE

O 2.º vulto — e que vulto! um dos mais grandiosos — a apreciar nesta secção, é o do Infante D. Henrique (1394-1460).

Infante navegador lhe chama a nossa História, figura inconfundível da nossa civilização lhe chamou um seu biógrafo. É de facto, ao admirarmos o retrato do Infante D. Henrique, o portuense ilustre, julgamos ver um visionário sombrio, monge e sábio, águia sobre rochedos, que no promontório de Sagres traçou o maior capítulo da História — e não só da nossa, como da de todo o mundo — referente às navegações portuguesas.

Olhamos para ele e vemos uma cabeça enérgica envolta num chapéu borgonhês, como se usava na

época, e parece-nos que o seu olhar está fitando o mar, o céu e as caravelas que vinham carregadas de riquezas dos continentes distantes. E parece-nos, também, que ouvimos a descrição dos marinheiros que choravam de alegria ao descobrirem novas terras.

Para se entregar ao seu sonho, o Infante abandonou a corte, sacrificou-se de toda a maneira e, em Sagres, fundou uma escola de mareantes. Olhando para as águas do oceano, ele via ao longe as lendas terríveis acumuladas pela ignorância de muitas gerações. Mas, de entre as trevas, ele foi a luz, e vislumbrou, ao longe, confundindo-se com o sol e com o mar, o Oriente lindo, rico e deslumbrante.

E, rodeado de cosmógrafos, ele

foi um matemático distinto, Rodeado de guerreiros como seu pai e o Condestável, ninguém como o Infante soube ganhar as suas esporas de cavaleiro e manifestar tanta bravura na tomada de Ceuta. E a sorte favoreceu o Infante porque ele, o maior sábio do seu tempo, o inventor de cartas de navegação, deixou uma obra grandiosa: a descoberta do Cabo Branco, de Arguim, de Cabo Verde, da Serra Leão, da Gâm-



bia, etc., pedras preciosas que vieram aumentar a coroa lindíssima que é o nosso Portugal.

*
*
*

Como vêdes, meus meninos, o Infante é o simbolo de todos os homens que deixam comodidades, divertimentos, família, amigos, tudo, enfim! para se dedicarem apenas a uma causa — o engrandecimento da nossa Pátria.

■ ■ F I M ■ ■



CONSELHOS ao FERNANDINHO

(Continuação da página 3)

FERNANDINHO

Ouve, paizinho.

Este ano, certamente, Também vamos para lá...

O PAI

Conforme... Naturalmente... Se a «raposa» te deixar... De contrário ficas cá.

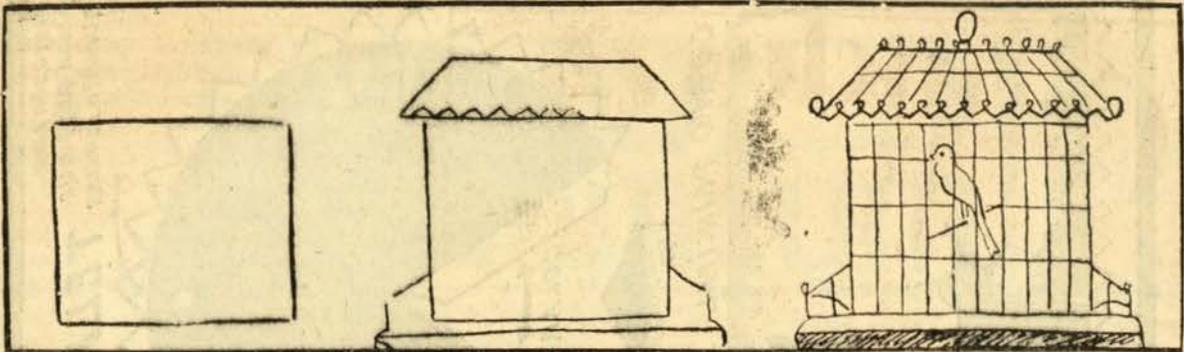
FERNANDINHO

Então, tu iás sozinho, Se eu cá não ficasse bem Nesse exame? Ias, paizinho?

O PAI

Iria eu e a mãe...

LIÇÃO DE DESENHO



Como se aprende a desenhar um pássaro na gaiola

FERNANDINHO

E quem me dava o comer?

O PAI

Quem não estuda não come.

FERNANDINHO

Tu eras capaz, paizinho, Sabendo que eu tinha fome Não me lebares contigo?

O PAI

Isso não... Sou teu amigo. Mas sabes onde ficavas? Em casa da tia Elisa...

FERNANDINHO

Sério... Tu não me levavas?

O PAI

Já te disse, Fernandinho.

FERNANDINHO

Por certo, o avô te ralhava Quando te visse descer Do comboio, sem eu ir...

O PAI

Não... o avô concordava, Quando lhe fizesse ver Que havias sido mauzinho, Até desobediente... E, depois, meu Fernandinho. Sou teu pai... O que eu quizer E' que se faz, entendeste? Porque é só para teu bem!

FERNANDINHO *(tomando uma atitude séria)*

Também êle é teu paizinho E se não quizeres fazer O que disser, és, também, Muito desobediente E isso não te fica bem...

(Rindo e mudando de expressão)

Não tenhas medo, paizinho... A «raposa» há-de fugir Para bem longe de mim. Tenho estudado a valer! E depois o Fernandinho Vai a férias e, assim, Tu serás mais meu amigo E já escusa o avôzinho De ter que ralhar contigo... Anda, agora, vai dizer Que eu não sou muito bonzinho.

O PAI

Muito bem. Vamos a ver Se tudo se realiza Como prometes, Fernando. De contrário vais fazer Companhia á tia Elisa... Percebes, não é verdade?

FERNANDINHO

Sim. E tu vais viajando P'rá terra do avôzinho, Dar passeios p'la tardinha, Ir á serra merendar, Comer as uvas na vinha...

O PAI

Tudo isso, Fernandinho, E tu hás-de cá ficar.

FERNANDINHO

Mas eu fico bem, paizinho!

O PAI

Oxalá que seja assim...

FERNANDINHO

Bem; tu duvidas, paizinho... Então vamos combinar: Se eu ficar bem, vais comprar, Para dar ao Fernandinho, A máquina p'ra fazer Fotografias, na terra Do avô. Se ficar mal...

O PAI

Serei eu a receber O prémio, não é assim?

FERNANDINHO

Mas eu hei-de ficar bem... E' muito melhor, paizinho. Assim irei passear Com o paizinho e a mãe E tu ficas mais contente.

O PAI

Ah! Sim, isso, certamente; Eu terei mais alegria, Tua mãe, o avôzinho, O tio, emfim, toda a gente Ha-de gostar de te ver.

Depois do exame feito E quando eu lhes disser Que tu és inteligente E soubeste ter proveito Nos estudos, Fernandinho. Um menino estudioso E' a alegria dos seus... Por isso deves fazer Por estudar, aprender E mostrar ao teu paizinho Que mereces repousar Após um ano de estudo.

FERNANDINHO

Paizinho, mas eu, de tudo Que me teem ensinado, Conservo aproveitamento. Podes estar sossegado.

O PAI

Nesse caso, Fernandinho, Vai prosseguindo a leitura Da carta do avôzinho.

FERNANDINHO

Dize-me, pai, em que altura Eu estava há bocadinho?

O PAI *(rindo)*

Vendo o comboio partir...

FERNANDINHO *(percebendo onde estava a ler):*

«Tenho saudades de ti, Da tua mãe, do paizinho Quem me dera, Fernandinho, Ver-te já andar aqui Correndo, a brincar comigo... *(Falando com o pai)*

Como é bom meu avôzinho!

O PAI

Sim, e muito teu amigo!

O nosso concurso: — Uma vila completa

AVISO AOS CONCORRENTES:

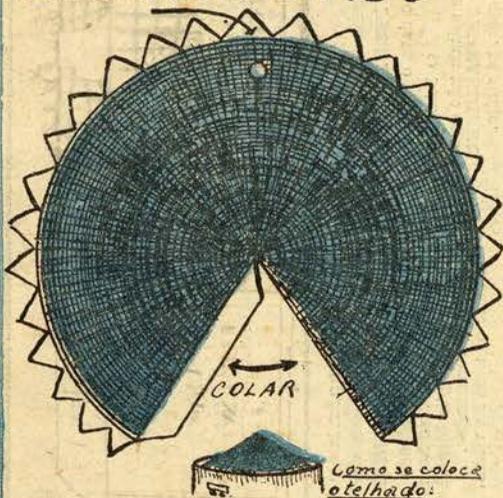
Havendo-se realizado a primeira reunião do júri para classificação dos concorrentes, chegou este á conclusão de que, em virtude do extraordinário número de provas, impossível se tornava fazer, desde já, um apuramento consciencioso. Em virtude desta conclusão, foi resolvido dar o resultado definitivo no próximo número, após uma segunda reunião.

Á grande lista já publicada, temos, hoje, a acrescentar mais os seguintes nomes dos concorrentes:

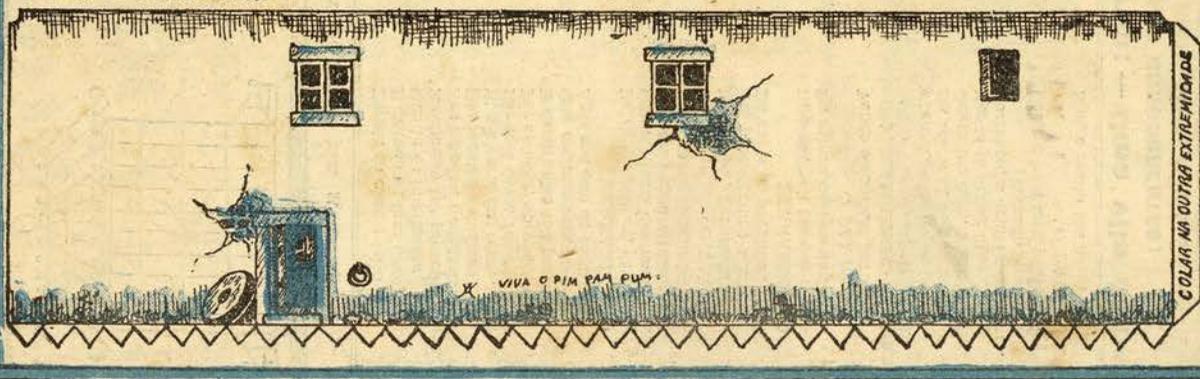
Flora Moniz de Matos, José António Alves Lopes, Emílio Matias Pinto, Alice de Oliveira Lima, Vasco Jorge da Cunha Serrão, Aida Maria Jorge da Cunha Serrão António Miguel Pinto Arlindo da Graça Craveiro, Senhorinha Martins Cordeira, Maria Isménia Diniz Martinho, Maria da Gloria Oliveira Gomes, Fernando António M. Barata da Silva, Mario Nogueira, Luiz Ferreira Almeida Horta, João José Fernandes Peres, Maria Emília Miranda Pires Machado, Joaquim Jara da Silva, Pedro António Quirino, Fernando Caldeira, Carlos Alberto Afonso Gil, Julietta Jara da Silva, João Pedro Marçal Branco, Amadeu Pinto de Oliveira, João Damas Vicente António Bulvo Mousinho, Luiz Francisco C. Mendes Rebelo, Vania Amalia Dias Ferreira, Graziela Augusta Dias Ferreira, Amelia Alexandrina R. Fonseca de Mendonça, Artur Ruano, António José Mendonça Soares, Flora Diniz de Matos, Afonso Nogueira, José Antão-Fonte Santa Junior.

PONTO POR ONDE
PASSA O EIXO QUE
SUPPORTA AS VELAS

TELHADO

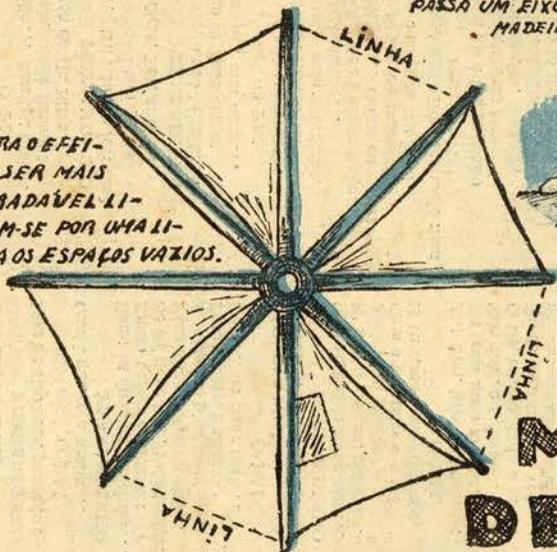


CORPO PRINCIPAL



NO CENTRO DAS VELAS
PASSA UM EIXO DE
MADEIRA.

PARA O EFEI-
TO SER MAIS
AGRADÁVEL LI-
GAM-SE POR UMA LI-
NHA OS ESPAÇOS VAZIOS.



UM MOINHO DE VENTO

(extra-
concurso)

COLAR A CONSTRU-
ÇÃO NUMA BASE DE
CARTÃO FORTE.

Atalanda